

BALÉ DE RITUAIS

Ismael Ivo defende novo espetáculo e discorda da crítica alemã

Ismael Ivo é um dos bailarinos brasileiros que alcançaram maior projeção no estrangeiro. Descoberto na década de 80 pelo cultuado coreógrafo novaiorquino Alvin Ailey, o paulistano já vive há 16 anos na Alemanha, onde dirigiu por quatro anos a companhia de dança-teatro do Deutsches Nationaltheater Weimar. Suas maiores influências foram o expressionismo de Pina Bausch, o radicalismo estético do diretor teatral Johann Kresnik e o butô de Sankai Juku. Há 17 anos como diretor artístico do Festival de Dança de Viena, Ismael Ivo se prepara para assumir, em dezembro de 2002, a direção de uma sala de dança-teatro na Casa Teatral de Stuttgart. Nesta entrevista, o coreógrafo fala sobre a polêmica do balé *As Criadas* e conta como fez para dar forma física à poética de Genet.

Tópicos: Como surgiu a idéia de criar um espetáculo inspirado em Jean Genet?

Ismael Ivo: Sugeriu ao Koffi de fazermos um balé juntos e ele concordou imediatamente. A princípio, tínhamos escolhido a peça *Esperando Godot*, mas como Samuel Beckett proibiu em testamento o uso do título da peça em formato diferente do concebido por ele, não conseguimos autorização para fazê-la em forma de movimento. Sendo assim, optamos por *As Criadas*, de Genet. E como precisávamos de um terceiro bailarino, eu chamei o Ziya Azazi, que já tinha dançado em um espetáculo meu e de Marcia Haydée (Floresta do Amazonas) no ano passado, em Viena. Depois, convidamos Yoshi para ser nosso diretor, pois ele já havia trabalhado com Koffi e está acostumado a usar uma linguagem multicultural na companhia de Peter Brook.

Tópicos: Qual o ponto de intercessão entre as diferentes culturas desses artistas?

Ismael: É o teatro do ritual, ou seja, voltar a uma forma de teatro que tem muito a ver com o cabúqui, o teatro nô e o teatro originado na África, no qual se fala e se dança, e que é a forma primitiva da multimídia. Nossa intenção foi ritualizar o texto de Genet tentando encontrar, assim, a essência desse escri-

tor existencialista. A princípio, Yoshi queria chamar a peça de Genet – *Le Africaine*, mas a fundação Genet nos obrigou a usar o nome original.

Tópicos: Durante os ensaios, que duraram quase dois anos, vocês trabalharam com dramaturgos e literatos especializados em Genet. Como eles contribuíram?

Ismael: Nós organizamos uma academia Genet na Casa das Culturas do Mundo, em Berlim, e convidamos dez especialistas na obra de Genet para dar palestras. Enquanto eles apresentavam suas teorias, nós tentávamos entender a idéia junto com o público e improvisávamos com o Yoshi. Quer dizer, muitas das idéias do espetáculo vieram desses ensaios abertos durante o processo de criação.

Tópicos: O balé não tem apenas *As Criadas* como base, ele também faz uma alusão ao curta *Un Chant d'Amour*. De quem surgiu essa idéia?

Ismael: O Yoshi queria que tivéssemos contato com todo o material de Genet. Quando assisti ao filme, fiquei impressionado com sua poesia e existencialismo cruel, principalmente nas primeiras cenas. Já tínhamos decidido fazer *As Criadas*, mas tive um impulso e falei com o Yoshi para fazermos uma conexão com o filme, pois achei que o espetáculo ficaria poético.

Tópicos: *As Criadas* não é seu primeiro balé só com homens no palco interpretando papéis femininos. Você já usou esse recurso em *Francis Bacon*, *Othello*, *Tristão e Isolda*, *Aura* e *Medéia* (para a companhia do Balé de Ancara). Isso tem a ver com um mergulho nas origens do teatro?

Ismael: Como estamos começando um novo milênio, precisamos rever as possibilidades de encontrar novos caminhos. Por enquanto, ninguém sabe de nada, este é o ano um. *As Criadas* não é um espetáculo de dança nem de teatro. O que é isso? Yoshi diz que é um cabúqui contemporâneo e futurista... Quer dizer, não há uma definição exata. Essa fusão de culturas e linguagens, essa pesquisa existencial dentro do teatro, indo para a dança, vindo para o ritual, é isso o que cria a possibilidade de ser algo novo. E é isso que é importante.

Tópicos: Como você recebeu a crítica alemã sobre *As Criadas*? Houve opiniões totalmente divergentes, algumas elogiosas e outras muito severas. Jochim Schmidt, um dos principais críticos do país, escreveu no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* que algumas cenas pareciam de palhaços e outras chegavam a ser decadentes.

Ismael: Na realidade, tudo já era previsível. Como Yoshi disse, este não é um espetáculo fácil de se qualificar: "Dança? Teatro? Dança-teatro?". Ok, uma forma já feita, tradicional, Pina Bausch, Johann Kresnik. Mas o artista precisa ter a coragem de deixar tudo de lado e falar assim: "Vamos tentar um caminho novo". E críticas? Vai-te! O artista tem de continuar a sua pesquisa. Eu sou um artista que está sempre buscando o novo, e faço isso em todos os meus trabalhos.

Tópicos: Uma crítica de Berlim enxergou uma mensagem anti-racista no balé. Vocês tiveram essa intenção?

Ismael: Não, não tem nada a ver com o sentido racial, isso foi simplesmente uma alemã vendo dois negros no palco. Então, vai direto: "Ah, é racismo". O espetáculo não teve nenhuma intenção de ter esse tipo de leitura.

Tópicos: E quanto ao uso de elementos homoeróticos?

Ismael: O foco não ficou tanto no homoerótico, mas no existencial. Foi uma opção nossa, porque a idéia não era fazer um espetáculo gay, um espetáculo sobre a liberação. Liberar-se do que nos dias de hoje? A meta era pegar a essência de Genet pelo foco existencial, a existência dessas duas pessoas.

Tópicos: Polêmica por polêmica, no Brasil também sempre acontecem auês quando você se apresenta. Quais são as suas expectativas para esta vez?

Ismael: Não tenho a menor idéia... Quando nos apresentamos na França, o Yoshi ficou preocupado com a crítica de lá e o *Libération* adorou, achou o espetáculo incrível. O artista de hoje precisa ter coragem de dar passos em direções contrárias, porque tudo já foi feito, tudo já foi mostrado. E nada melhor do que experimentar o novo no Brasil. ■

